

JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS: ENTRE TECNICIDADES E OS RITUAIS DA ESCOLA

Rita Cristine Basso Soares Severo¹
Thais Scheuer²

Resumo: Este artigo discute sobre juventudes, tecnologias e escola e tem como objetivo analisar práticas juvenis que ocorrem nos espaços e tempos escolares problematizando as relações que se dão entre os jovens alunos e os rituais instituídos pela escola. Participaram da pesquisa um grupo de professoras e um grupo de estudantes do Ensino Médio de São Luiz Gonzaga - RS. Para a coleta de dados, utilizamos questionários, entrevistas, registros fotográficos e audiovisuais. O que percebemos previamente em nossas análises, é que a escola contemporânea não tem dialogado de forma concreta com os sujeitos jovens que nela transita, dificultando assim as relações entre os tempos juvenis e os tempos escolares.

Palavras-chave: Juventudes. Tecnologias. Escola.

Contemporary youths: between technicalities and the school's rituals

Abstract: This article discusses about youths, technologies and school and have as objective to analyze juvenile practices that occur in the spaces and school times questioning the relationships that arise between the young pupils and the rituals instituted by the school. Participated in the research a group of teachers and a group of high school students from São Luiz Gonzaga - RS. For data collection, used questionnaires, interviews, photographic and audiovisuals registers. What we perceive previously in our analysis, that's the contemporary school does not have a concrete dialogue with the young people who are in transit, thus hindering the relations between the juvenile times and the school times.

Key-words: Youth. Technologies. School.

A tecnologia é, hoje, uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido - redes e interfaces de construção da subjetividade. (Barbero, 2008, p. 20)

Tomadas por esta afirmação de Barbero (2008) e alicerçadas no Campo dos Estudos Culturais e estudos sobre Juventudes, neste texto discutimos as relações que se estabelecem entre os sujeitos jovens e como suas subjetividades são engendradas pelas tecnologias e os rituais instituídos pela escola. Esta

¹ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. ritabasso@terra.com.br

² Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. thais.slg@hotmail.com



discussão advém de um recorte do projeto de pesquisa *Juventudes contemporâneas: tempos escolares e tempos de vida*³ que tem por objetivo analisar práticas juvenis que ocorrem nos espaços e tempos escolares problematizando as relações que se dão entre os jovens alunos e os rituais instituídos pela escola.

Para os limites desta escrita articulamos os eixos condutores desta pesquisa que são: juventudes, tecnologias e espaços e tempos escolares conduzidas pelas seguintes questões: como a escola lida com os jovens alunos e as tecnologias contemporâneas? Quais são os impasses que se estabelecem entre uma escola com raízes no século XV e jovens alunos engendrados no século XXI?

Pesquisar no campo dos Estudos Culturais permite aos pesquisadores criar novas rotas metodológicas, pois o campo dos Estudos Culturais nos permite construir metodologias próprias lançando mão de vários campos de estudos, “suas pesquisas utilizam-se da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que são inventados para poder compor seus objetos de estudo e corresponder a seus propósitos.” (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 40)

Para alcançar os fins aqui pretendidos e tendo como base as reflexões teóricas apontadas, esta pesquisa, que está em andamento, não tem como foco o levantamento de dados quantitativos, embora alguns deles possam se mostrar relevantes, no decorrer dos estudos e da investigação, que será, assim, de natureza qualitativa e etnográfica.

A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. (ANDRÉ, 2002, p. 30),

Participaram desta pesquisa um grupo de professoras e um grupo de jovens, estudantes do Ensino Médio de São Luiz Gonzaga - RS. Foram

³ Projeto INICIE/2018. Vinculado a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Integral e Currículo: dispositivos e configurações dos tempos e espaços escolares - GPEIC (registrado no CNPQ) - Área das Ciências Humanas - Educação



elaborados instrumentos para coleta e análise de dados: questionários, entrevistas em forma de rodas de conversa, formulários, planilhas; registros fotográficos e audiovisuais relativos às ações da pesquisa. Entretanto, para este artigo, selecionamos os conteúdos de entrevistas e de rodas de conversa.

As rodas de conversa tiveram duração média de 1 hora e foram realizadas com um grupo de 15 jovens, com idades entre 14 e 18 anos, estudantes de uma Escola Agrícola de Ensino Médio de São Luiz Gonzaga. Tais alunos são oriundos da zona rural do Município e de cidades próximas como Roque Gonzales, Santo Antônio das Missões, Caibaté⁴. Tais alunos tem acesso a internet via Celular ou suas em residências com a internet a rádio. As entrevistas tiveram duração entre 20 e 40 minutos e foram realizadas de forma individual com 8 professoras, com idades entre 33 e 52 anos, que trabalham na mesma escola em que estes jovens estudam. Tanto as entrevistas, quanto as rodas de conversa foram gravadas e transcritas e tiveram como temática as tecnologias.

Previamente, infere-se que a escola contemporânea não tem dialogado de forma concreta com os sujeitos jovens que nela transita, dificultando assim as relações entre os tempos juvenis e os tempos escolares.

OS JOVENS ALUNOS DAS ESCOLAS CONTEMPORÂNEAS: OUTRAS SUBJETIVIDADES

Nesta seção tematizamos as juventudes contemporâneas, fundamentadas nos estudos de Melucci, (1997), Carrano (2000), Pais (2006), (2004), Barbero (2008), Freire Filho (2008) Dayrell (2007), Reguillo (2007) Margulis e Uresti (1996). Pensar as juventudes, tomando como referência tais autores, nos leva a tomar duas precauções importantes: entender que a noção de juventude é uma construção social e cultural bastante diversificada; e compreender que a noção de juventude não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações e contextos sociais.

⁴ Roque Gonzales Município do Noroeste do Rio Grande do Sul com população de 7.206 habitantes conforme dados do IBGE 2010. Santo Antônio das Missões é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul com população de 11.174. Caibaté é um município do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Localiza-se na região missioneira do estado com população de 5.058.

Assim, pensar a ideia de juventude é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, moradia e pertencimento religioso, enfim contextualizá-la historicamente, como integrante de uma geração específica que se relaciona com outras gerações. Por isso, como já tem sido bastante reiterado pelos pesquisadores acima mencionados, não é possível falar em modelo único de juventude, mas nos diferentes modos de vivenciar a experiência da juventude na contemporaneidade.

Dayrell (2007) aponta três representações sobre as juventudes, que circulam nas narrativas da maioria das instituições, entre elas a escola, e ressalta a importância de questionar essas representações estabelecidas como hegemônicas. Uma das representações citadas pelo autor apresenta a juventude como uma etapa transitória entre a infância e a vida adulta, sendo o jovem um pré-adulto, um ‘vir a ser’, que terá consequências das suas ações no futuro, ou seja, tais narrativas fundamentam-se na perspectiva de futuro, não nas vivências e anseios presentes. Tal narrativa pode criar o entendimento de que os jovens devem ser pensados a partir de projetos para o futuro e que suas vivências atuais podem ser negativas em relação ao que se espera deles.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim, como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (DAYRELL, 2007, p. 156)

Entender as juventudes como um período transitório entre a infância e a vida adulta é limitar as possibilidades de reflexão sobre a temática, é, além disso, limitar os jovens. Outra representação relata a juventude como uma fase problemática, momento de crise, de conflitos, geralmente associada também a um distanciamento da família, “apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora” (DAYRELL, 2007, p. 156). A terceira representação apontada pelo autor é a representação romântica sobre as juventudes, que se instalou nos anos de 1960 por meio da indústria cultural e de consumo dirigido aos jovens. Nessa representação,

a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para

experimentações, período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil. (DAYRELL, 2007, p. 156)

Ao tomar tais representações como únicas e verdadeiras, corre-se o risco de analisar os jovens de forma negativa e/ou ressaltar as características que lhes faltariam para corresponder a uma determinada forma de ser jovem, implicando numa impossibilidade de perceber como os jovens constroem suas experiências.

Os jovens contemporâneos, são, certamente, outros sujeitos, outros corpos, outros objetivos, outras subjetividades, outras sensibilidades. Esses sujeitos habitam a escola contemporânea e se constituíram na nomeada 'Era da Informação' que numa perspectiva geral, constitui-se como um novo momento histórico em que o suporte de quase todas as relações se estabelece através da informação e da sua capacidade de processamento e de produção de conhecimentos. A este fenômeno Castells (1999) denomina "sociedade em rede", que tem como base a apropriação da Internet com seus usos e aspectos incorporados pelo sistema capitalista.

A sociedade em rede também é analisada por Lévy (1999) embora em uma versão diferente de Castells (1999) que tem uma sedimentação marxista, Lévy (1999) numa perspectiva da antropologia denomina a chamada sociedade em rede de "cibercultura", definindo-a como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Desse modo o autor caracteriza o ciberespaço como:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p.17).

Na intersecção dos pensamentos dos autores há um aspecto que pode ser destacado acerca dos estudos das tecnologias de comunicação, que nos leva a considerar: não é possível mais ignorar o impacto dessas tecnologias à vida

humana, à vida em sociedade e nessa esteira impossível negar o impacto dessas tecnologias às lógicas da escola contemporânea.



Como sugere Barbero (2008, p. 20) “as tecnicidades criam novas subjetividades e produzem transformações das sensibilidades”. A tecnologia sugere o autor, “é uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido, redes e interfaces de construção da subjetividade”. Afirma o autor:

Os sujeitos com os quais vivemos, especialmente entre as novas gerações percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade que é em muitos sentidos sua corporeidade, e por meio das quais muitos jovens, que falam muito pouco com os adultos, acabam lhes dizendo muitas coisas. (BARBERO, 2008, p.21)

Nesse sentido na cultura contemporânea os saberes e as informações se pulverizam e se difundem de forma muito rápida, engendrando um modelo de sobreposição comunicativa integrando os universos digitais, audiovisual, as redes sociais, tecnologia móvel de celulares e *tablets* insinua-se assim a necessidade de transformação da escola e do adulto de acordo com as mudanças do ecossistema comunicativo contemporâneo.

Sibilia (2012, p. 73), versando sobre o surgimento de novas subjetividades, questiona: “o que significa tudo isso? Como interpretá-las e lhe dar sentido? Se as observamos em conjunto e sob uma perspectiva genealógica, essas novas práticas podem ser consideradas indícios de uma mutação?”. Pontua a autora que, quando essas questões são analisadas pelo dispositivo escolar, tais subjetividades são tomadas como problema. E sugere que, talvez, as subjetividades dos jovens sejam incompatíveis com a aparelhagem da escola. Destaca que os jovens são peritos em opinar, fazer *zapping* e ler imagens, pena que isso não lhes sirva para habitar e viver dentro da escola.

A escola contemporânea na perspectiva de Sibilia (2012) parece ser incompatível com as subjetividades e com os corpos das crianças e jovens de hoje. Dessa forma, “tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (SIBILIA, 2012, p. 13).

Ainda destaca a autora sobre os jovens:

Eles são acostumados a receber informações de maneira realmente rápida. [...] gostam do processamento paralelo e de multitarefas; preferem gráficos a textos, priorizam o acesso aleatório, como ocorre com o hipertexto, funcionam melhor quando estão conectados em rede, gostam de gratificação instantânea, de prêmios e reconhecimentos frequentes, preferem jogos ao trabalho “sério”. (SIBILIA, 2012, p. 73)

A autora ainda ressalta que em virtude de tudo isso e por estarem habituados à velocidade da internet e por terem estado conectados durante a maior parte de suas vidas, nossos jovens alunos têm pouca paciência para as conferências, a lógica passo a passo e o tipo de instrução baseado em avaliações sobre o que foi ensinado em sala de aula. (SIBILIA, 2012) Tal análise realizada pela autora é possível perceber na fala de alguns professores que se queixam que os alunos não os ouvem mais, não querem prestar a atenção em suas explicações, são agitados e fazem muitas coisas ao mesmo tempo. Apresentamos a seguir a fala de uma das professoras do Ensino Médio.

Os alunos não querem saber de nada! Não ouvem as explicações, não copiam nada e agora inventaram de tirar foto do quadro, não se dão nem ao trabalho de copiar.⁵

Outra fala de uma professora vai em direção também de questionar qual o papel do professor no contexto contemporâneo:

Não entendo como eles aprendem não leem, não copiam e não perguntam nada. E quando eu falo sobre isso, eles me respondem: tem no Google. Acho que eles não precisam mais de professores. (Professora de Língua Portuguesa)

Sibilia (2012), ao abordar a forma como os jovens contemporâneos lidam com a leitura e o estudo sugere que essas ações já não se realizam usando as ferramentas tradicionais do silêncio e da imersão no texto. Tais jovens estão habituados a surfar entre vários materiais midiáticos, ao mesmo tempo abordam algum dispositivo conectado a internet. A autora afirma que hoje ainda se lê e se

⁵ Utilizamos a fonte em itálico para diferenciar as falas dos sujeitos pesquisados das citações.

escreve muito, mas isso se faz em um ritmo e de forma diferente como se observa nas interações na internet e nas mensagens pelo telefone celular.

t

Ao conversarmos com os jovens alunos sobre como a escola lida com o uso dos celulares, todos os 15 alunos que participaram das rodas de conversas foram unânimes em afirmar “as professoras só deixam acessar a internet se for para pesquisa escolar”:

Usamos para pesquisas didáticas ou alguma dúvida, porém é proibido o uso dos celulares em aula. (Estudante, 3º ano, 17 anos)

Usamos o celular de forma restrita. Mas de certa forma burlamos essas regras [...] não dá para usar de maneira adequada e no limite do querer dos professores. (Estudante, 2º ano, 18 anos)

O que podemos depreender das falas dos nossos sujeitos de pesquisa é que o ponto crucial do problema parece residir na incongruência entre o que os jovens contemporâneos são e o que as instituições educativas esperam deles. Para Sibilia (2012), os jovens, em vez de terem sido moldados nos meios disciplinares que costumavam ser homogênicos, até algum tempo atrás, sua subjetividade se constitui na experiência midiática e mercantil da contemporaneidade.

Ao serem questionados sobre a forma como os professores utilizam os recursos da internet em sala de aula os alunos destacaram que:

Os professores só deixam pegar quando é para fazer alguma pesquisa ou quando ‘tá’ quase terminando a aula. (Estudante, 1º ano, 15 anos)

Depende muito do professor. Tem alguns que deixam e outros que não. Mas só pra pesquisar coisas de escola. (estudante, 2º ano, 16 anos)

Podemos consultar artigos, mas nada de vídeo no youtube, ou tutoriais de blogueiros. Youtube nem tem como acessar na escola. Só pode coisa escrita. (estudante, 1º ano, 16 anos)⁶

⁶ Nas transcrições foram mantidas as expressões dos sujeitos pesquisados.

Refletindo a partir destas respostas dos alunos é possível dizer que a escola pouco aproveita a internet como uma ferramenta de interação social e cultural, o uso da internet via celular, ou não, é passivo, quase inerte os alunos só podem usar para coletar dados referentes a um tema específico, não podem compartilhar coisas de forma grupal, não podem acessar vídeos no *youtube* ou *bloggers*. Desse modo a escola exclui a possibilidade lúdica de interagir com o conhecimento que talvez seja a chave para despertar o potencial criativo destes sujeitos contemporâneos. Destacamos a mesma lógica nas falas a seguir:

Normalmente os professores não permitem o uso dos smartphones nas salas de aula, apenas quando terminamos todas as tarefas ou nos intervalos. (Estudante, 2º ano, 16 anos)

Uso moderadamente em momentos de intervalo e quando o professor autoriza em sala para pesquisar ou para copiar conteúdo. (Estudante, 1º ano, 17 anos)

Em seus estudos sobre as juventudes Colombianas, Barbero (2008, p.19) considerou que “somente a realização de tarefas preestabelecidas que castram pela raiz as potencialidades de buscar e se perder, sem as quais é impossível o interagir, o descobrir, o inovar.” Reduzindo assim o sentido de ‘navegar’ que é ao mesmo tempo conduzir e esperar, manejar e arriscar, claro que a inventividade dos jovens e a sua relação íntima com as tecnologias lhes permitem burlar as regras combinadas e ir além do “vetado pela censura moral ou eletrônica”.

A identidade desses sujeitos jovens está muito além daquilo que a escola reduz e entende como sujeito do aprender. Sibilia (2012, p. 78-79) argumenta que

Por causa desse dismantelamento da lógica disciplinar, os ensinamentos e as moralizações outrora contundentes já não se assentam nem são absorvidos por esses corpos estudantis, mas resvalam e escorrem por entre as velhas carteiras que ainda tentam sustentá-los [. . .] desvaneceu-se o valor simbólico que envolvia o conhecimento com sua pompa de cultura letrada, deixando em seu lugar esses salões esvaziados nos quais ocorrem inúmeros desencontros e fracassos; às vezes porém, na melhor das hipóteses uns e outros são obrigados a inventar formas alternativas e inovadoras de habitar essa situação para que ela tenha algum sentido. (SIBILIA, 2012, p. 78-79)

Entendemos que as tecnologias, de modo geral, são utilizadas por todos os sujeitos, professores e alunos, porém as que foram inseridas dentro da escola, seguem obedecendo à distribuição do tempo ali existente - o tempo linear. Tais tecnologias, como televisão e vídeo, retroprojeto, *datashow* e o computador, pouco impacto causaram sobre o processo de ensino-aprendizagem, visto que se privilegia uma ótica tecnicista de instrumentalização destas. Embora tenha sido uma grande novidade levar para a sala de aula cores, sons e imagens, efetivamente, não se criaram alternativas para descaracterizar a rigidez do horário ou dos currículos.

Apesar das novas tecnologias representarem para a escola novos caminhos, diferentes e dinâmicas metodologias, o que vem se construindo sobre elas são as práticas tradicionais de aulas expositivas. Estas não estão favorecendo um novo modo de aprender, definido pela velocidade que os alunos parecem estar conectados. A velocidade do acesso garante-lhes muitos artigos sobre o mesmo tema, em muitas bibliotecas do mundo inteiro, revistas e jornais numa fração de segundos. Ao ser questionado sobre quais os usos que faziam dos seus celulares em seus cotidianos um dos alunos respondeu:

Eu acesso o Instagram, facebook, tumblr, pinterest, twitter, blog, pinterest snapchat, spotífy, youtube, netflix, costumo utilizar vários outros apps como para leitura, photo, notícias, whatsapp, messenger, direct, itune, telegram, vídeo chamada, entre outros. (Estudante, 1º ano, 16 anos)

Com relação ao uso do celular, conforme (Severo, 2008) o que é possível inferir é que os jovens têm que estar sempre “conectados”, “plugados” em uma rede de contatos para poderem acessar a tudo e a todos, numa rede de informações e conversas que requerem aparatos tecnológicos que vão dos celulares à internet. Sarlo (2004) define como a geração *zapping*, aquela que está constantemente mudando de canal. Talvez seja possível pensar que o *zapping* ultrapasse os limites do comportamento diante de um aparelho e se estenda para um comportamento geral, um estilo de relações que os jovens estabelecem com um mundo movido por intensidades, fragmentações e segmentações, onde tudo acontece ao mesmo tempo, onde se pode estar ‘conectada’ a tudo e a todos ao mesmo tempo. (ALMEIDA; TRACY, 2003)

Ter os celulares sempre por perto e ligado, estar atento ao *WhatsApp*, gera um fluxo intenso, e representa ter acesso direto e imediato ao outro. Isso

faz com que os jovens partilhem uns com os outros diversos aspectos de seu dia-a-dia, causando a sensação de que os celulares aumentam a intimidade das relações. O intenso uso de celulares para manter as redes sociais, agendar as programações, tem uma importante consequência. Quando ficam sem o celular, os jovens entrevistados na pesquisa sentem que ficaram sem contato com o mundo, sentem-se excluídos de suas redes de contato e enfrentam uma forma possível de solidão.

A comunicação via celular possibilita aos sujeitos contemporâneos e aqui especificamente aos jovens, a mobilidade, a instantaneidade, a personalização e o acesso direto. Os celulares dão fluidez a uma rede de sociabilidade muito intensa. Os contatos breves, mas constantes, para obter informações, fazer combinações, planejar encontros e festas aos finais de semana, ou mesmo para simplesmente contar algo que acabou de acontecer, dá a esses jovens a sensação de não estarem sozinhos. As ações de postar, curtir e compartilhar faz parte do cotidiano dos jovens em suas relações mediadas pelo celular como é possível perceber nas escritas a seguir:

Eu utilizo celular e a internet para postar fotos e para mostrar momentos bons da minha vida. E para falar com parentes próximos e de longe. Escutar músicas. (Estudante, 1º ano, 15 anos)

Eu utilizo meu celular para me comunicar com os amigos, saber o que tem de novidade no mundo. (Estudante, 2º ano, 16 anos)

Consideramos que o uso das tecnologias pode reconfigurar as vivências em grupo que para essas jovens não se restringem aos momentos vividos na escola, mas ganha outros espaços que ultrapassam fronteiras e territórios geográficos. A comunicação entre os jovens conforme Severo (2008) ganhou novas linguagens e novas sensibilidades, criando assim outros contornos para as relações interpessoais. Trata-se, portanto, de uma geração que está reinventando novas formas de ser e viver a partir das relações que estabelecem em outro espaço que podemos chamar de espaço virtual, realidade da internet, ciberespaço, entre outros. Esse espaço é, segundo Castells (1999), desprovido de materialidade, embora seja dotado de realidade, é um espaço flexível, estruturado em redes, e com infinitos centros de comunicação, e serve como suporte para muitas das práticas sociais da atualidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA TERMINAR A ESCRITA



A escola, entre os séculos XV e XVI, foi se constituindo como um espaço singular para abrigar as gerações mais jovens. Institucionalizou-se e configurou-se tendo como função além de transmitir a cultura e os conhecimentos, também disciplinar as atitudes, ordenar e classificar os comportamentos, unificar linguagens. Coube à escola dosar os graus de liberdade, instituir a civilidade e a racionalidade com o objetivo de adaptar as gerações mais jovens às novas formas de configurações sociais.

A escola contemporânea, na perspectiva de Sibilía (2012), parece ser incompatível com as subjetividades e com os corpos das crianças e jovens de hoje. Dessa forma, “tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (SIBILIA, 2012, p.13).

O tempo escolar linearmente organizado ficará ligado à sequência dos conteúdos do currículo e à aprendizagem dos mesmos de maneira que seguir ou não essa sequência temporal e curricular da progressão acadêmica se transforma em padrão e serve como modelo. Essa descoberta de ligar a passagem do tempo escolar, regulado à sequência do currículo, tem uma enorme importância na ordem pedagógica. Passa-se a exigir uma sincronia entre a passagem do tempo e o desenvolvimento e concatenação dos conteúdos com o ritmo de aprendizagem ou progresso do aluno que poderá ser considerado ótimo, normal ou ruim.

E como a escola lida com as culturas juvenis presentes nos espaços e tempos escolares contemporâneos?

Para pensar acerca deste questionamento ressaltamos os estudos de Santomé (2013), quando aponta que algumas culturas são negadas, silenciadas e ausentes nos currículos escolares, são elas, as culturas de grupos sociais minoritários e/ou marginalizados, entre elas, o autor destaca as seguintes: as culturas das nações e do Estado espanhol; as culturas infantis, juvenis e da terceira idade; as etnias minoritárias e sem poder; o mundo feminino; as sexualidades lésbica e homossexual; a classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres; o mundo rural e litorâneo; as pessoas com deficiência física e/ou psíquica; as vozes do Terceiro Mundo. Serão as culturas juvenis negadas no currículo da escola?



Segundo Santomé (2013), os docentes que rejeitam ou não reconhecem as culturas juvenis como algo significativo para os alunos, perdem a oportunidade de usar esses conteúdos culturais e os interesses dos jovens como base nos trabalhos cotidianos em sala de aula, portanto,

Uma instituição escolar que não consiga conectar essa cultura juvenil que tão apaixonadamente os/as estudantes vivem em seu contexto, em sua família, com suas amigas e seus amigos, com as disciplinas acadêmicas do currículo, está deixando de cumprir um objetivo adotado por todo mundo, isto é, o de vincular as instituições escolares com o contexto, única maneira de ajudá-los/as a melhorar a compreensão de suas realidades e a comprometer-se em sua transformação. (SANTOMÉ, 2013 p. 161)

Consideramos que a escola e as práticas docentes devem considerar o ciberespaço como uma pedagogia cultural a partir do que propõe Steinberg (1999), entendendo-a como qualquer instituição ou dispositivo cultural que esteja envolvido com relações de poder nos processos de transmissão de atitudes e valores. Podendo ser considerados como locais de produção e veiculação de diversos discursos e representações que sugerem determinados comportamentos e marcam determinadas identidades sociais.

Podemos inferir que a escola contemporânea lida com sujeitos com identidades fluidos numa sociedade também fluida numa perspectiva apresentada por Bauman (2001). Assim, como considera Severo (2008) as palavras ‘fluidos’ e ‘fluidez’ são produtivas para pensar as juventudes na contemporaneidade. Fluido é uma substância líquida ou gasosa, que corre ou se expande. Substância fluente, frouxa, branda. Corpo que toma a forma do recipiente, por sua vez fluidez é a qualidade do que é fluido. Nessa direção ressaltamos as considerações de Bauman (2001), ao chamar de “modernidade líquida” a condição de vida contemporânea.

O autor faz referência a metáfora da liquidez para caracterizar essa sociedade na qual tudo parece ser temporário podendo ser desmontado permanentemente, sem a perspectiva da conservação. Nossas instituições, quadros de referências, estilos de vida, crenças, convicções se modificam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes e hábitos. Ao se referir às características de leveza e liquidez, Bauman (2001, p. 8) considera que:

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço, nem prendem o tempo [. . .] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço, os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”.

Para o autor, estamos passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a ‘fluida’, uma vez que não há como saber o que nos espera. É melhor estarmos preparados para todas as possibilidades. Não se pode esperar que as estruturas, quando e se disponíveis, durem por muito tempo. “as estruturas não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento” (Bauman, 2005, p.57).

Tomando como referência esse contexto, para olhar os habitantes desse mundo fluido, especialmente os jovens, é importante considerá-los em toda sua pluralidade, pois nesses tempos e espaços se delineiam diferentes mapas de relações interpessoais e uma multiplicidade de experiências juvenis. Assim, pensar as juventudes, portanto, é estar frente a uma quantidade de experiências, narrativas, saberes, singularizações estéticas, marcas corporais, estilos musicais, enfim, muitos são os caminhos pelos quais transitam os jovens nos fluidos tempos contemporâneos.

Dayrell (1996) propõe pensar a escola como um espaço sócio-cultural, isso significa compreendê-la na ótica da cultura, levando em conta o dinamismo do fazer cotidiano, olhar para os atores que nela atuam como sujeitos sociais e históricos, isso implica resgatar os papéis desses sujeitos nas tramas sociais.

Assim finalizamos com um excerto de Barbero (2008, p. 22)

É desse lugar que nos olham e ouvem tais sujeitos íntima e estruturalmente mediados pela sua interação pela e com as tecnologias. É na trama das interações entre sujeitos onde hoje, as mediações tecnológicas revelam seu potencial alternativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel M.; TRACY, Kátia Maria de A. *Noites nômades: espaços e subjetividades nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BARBERO, Jesús Martín. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. IN: BORELLI, Sílvia & FILHO, Freire João. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Revista movimento*. Faculdade de educação da UFF. Niterói: dp&a. n° 1, 2000. Disponível em <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/189> Acesso em 30/6/18

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, J. (org.) *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. In: FÁVERO, Osmar. et al.(org), *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. p. 155-176.

FREIRE-FILHO, João; Vaz, Paulo (org). 2008. *Construções do tempo e do outro: representações e discursos midiáticos sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Mauad x. P.37-63.

LÉVY, Pierre. (1999) *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. 1996. *Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud, buenos aires, biblos*. P. 13-30

MELUCCI, Alberto.1997. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6. São Paulo: Anped. P.281

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. EUGENIO, Fernanda. (orgs). *Culturas juvenis*. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P. 7-21.

REGUILLO, Rossana. Las culturas Juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, Osmar. et al.(org), *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p. 47-72

SANTOMÉ, Furjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. 11. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 155 - 172.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. *As gurias normais do Curso Normal do Instituto de Educação de Porto Alegre*. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura. A construção da infância pelas grandes corporações. In: Silva, Luis Heron da, et. al. (org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Secretaria municipal de Educação de Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999.

Recebido em 13/08/2018

Aprovado em 18/01/2019